

Brizola quer Lula como seu ministro

Lula prefere vice que lhe dê respaldo no exterior

Por trás da disputa pela vaga de candidato da Frente Brasil Popular à Vice-Presidência da República há mais problemas do que as resistências de socialistas e comunistas à indicação do nome do jornalista Fernando Gabeira. Estão em debate também os objetivos estratégicos pós-eleitorais do PT. O grupo mais chegado a Lula, que propõe reformas a serem empreendidas ainda dentro do capitalismo, entende que um vice de fora do PT é essencial para ampliar o apoio externo ao governo, se o partido vencer a eleição. Uma corrente de esquerdistas defende um perfil socialista, e, conseqüentemente, um vice petista.

Amplios setores da "Articulação", tendência a que pertence Luís Inácio Lula da Silva, acham necessário que o vice venha de fora do partido para garantir maior trânsito junto a setores como a social-democracia europeia e os "verdes" da Europa Ocidental. Para eles, Fernando Gabeira, bastante conhecido entre "verdes" europeus, seria o candidato ideal.

Mas vários encontros estaduais e municipais do PT optaram pela indicação de um petista. E o PSB e o PC do B uniram-se na oposição a Gabeira, que, segundo eles, criaria problemas para a chapa junto a setores mais conservadores.

O candidato do PDT à Presidência da República, Leonel Brizola, disse ontem que o postulante do PT, Deputado federal Luís Inácio da Silva, não está preparado para governar o País. Brizola, no entanto, elogiou o adversário e disse que ele poderia ser um bom ministro de seu Governo. Ele sugeriu que Lula fizesse uma análise e deixasse de abrir o flanco que estão abrindo para a direita disputando separadamente.

— Lula pode ser um bom ministro desde que seja com um presidente que colabore com ele e sobretudo procure lhe abrir perspectivas. A sua trajetória é excepcional. Sei avaliar porque nossos caminhos foram mais ou menos os mesmos. Não o estou desqualificando. Admito que se ele ascender coerentemente poderá ser daqui a 12 anos o melhor candidato a Presidente — comentou.

— Suas manifestações em particular e a forma com que se expressa em público demonstram que ele não deseja a aliança. É coerente da parte dele, porque na eleição para o Governo do Rio de Janeiro em 1982 ele chegou ao ponto de dar nossa querida legenda para Sandra Cavalcanti, o que foi um escândalo — disse o candidato petista.

Ontem, durante o lançamento do disco com músicas que falam do ex-Presidente Getúlio Vargas, gravado pelos sambistas Beth Carvalho e João Nogueira, Brizola defendeu o PTB das acusações de que é uma legenda de aluguel, destacando que não foi o partido que esteve em dúvidas entre apoiá-lo ou aos candidatos que ele classificou como representantes do conservadorismo, Jânio Quadros (PDC) e Fernando Collor de

Na avaliação de Brizola, é possível que o setor popular se enfraqueça com dois candidatos disputando os seus votos. O candidato não admitiu seu receio de que nem ele nem Lula cheguem ao segundo turno por causa da divisão da esquerda. Disse apenas que se não houver outra alternativa só uma competição eficiente no primeiro turno afastará esse perigo.

Brizola disse ainda que a principal dificuldade para um acordo entre petetistas e petebistas em torno de sua candidatura é a resistência do Presidente do PTB, Paiva Muniz. Mesmo assim, o candidato, que se empenha em conquistar o apoio da velha sigla na qual militou e alguns minutos a mais no horário de propaganda gratuita, está otimista com relação à sonhada "unidade trabalhista".

Mello (PRN), mas algumas pessoas que demonstraram suas preferências por eles.

— Os integrados do ideário trabalhista estão fazendo uma reflexão independente da minha figura e vão reconhecer seu lado e sua natureza trabalhista. Temos que esperar a decisão coletiva do partido — disse.

O empenho do candidato em trazer o PTB para seu lado deve-se sobretudo à "força remanescente da velha sigla" que elegeu mais de cem prefeitos em São Paulo e uma numerosa bancada estadual sem um carro chefe. Ele destacou o peso político eleitoral significativo de nomes como os ex-Governadores Roberto Magalhães, Gonzaga Mota o Deputado federal Gastone Righi (SP) e, principalmente, o Deputado estadual gaúcho Sérgio Zambiazze.